

---

# António Manuel Couto Viana diz que a poesia aparece em qualquer parte

Este poeta e escritor nasceu e viveu muitos anos em Viana do Castelo, mudando-se para Lisboa com a família quando tinha 23 anos. Começou a escrever poesia e peças de teatro infantis ainda jovem e mais tarde, já em Lisboa, trabalhou em diversos teatros como encenador, cenógrafo, figurinista e até ator. Publicou muitos livros de poesia, para crianças e adultos, tem uma grande obra de teatro infantil e juvenil e escrevia todos os dias, pois, para além de autor, era também crítico literário.

**Quando era pequeno, foi uma criança bem comportada ou mal comportada?**

Não se pode dizer que fosse bem comportado, mas também não se pode dizer que fosse mal comportado. Tive uma educação severa – sobretudo da parte da minha avó e das minhas tias paternas –, mas tanto o meu pai como a minha mãe eram mais «passa culpas», de maneira que eu, claro, tinha todas as características que tem um rapaz de tenra idade, com a desvantagem, para mim (e vantagem também...), de ter apenas duas irmãs mais velhas. Elas não partilhavam dos meus gostos, das minhas brincadeiras, entrava em conflito com elas e era fatal que fosse castigado. Embora eu sempre adorasse as minhas irmãs e as minhas irmãs me adorassem a mim, havia contactos desagradáveis em pequenas coisas – era rapaz, gostava exatamente de brincadeiras mais viris do que elas: não estava disposto a brincar com bonecas e a fazer «cozinhadinhos», gostava mais de tourear, de montar em cavalos de vassoura e etc.



Direitos reservados

.....

### Quais eram as suas brincadeiras preferidas?

Aí é que estávamos todos de acordo – eu e as minhas irmãs. O meu pai foi dos primeiros **modernistas** (1916), colaborou nas exposições de modernistas como o **Almada Negreiros**, o **Eduardo Viana**, etc. Nós, todos os três, de certa maneira herdámos do meu pai o jeito para desenhar (mais as minhas irmãs do que eu, elas desenhavam muitíssimo melhor). Inventámos então esta brincadeira: desenhávamos os bonecos (bonecos de papel), pintávamos, coloríamos, recortávamos e representávamos com eles. Tínhamos aquilo a que chamávamos «os nossos reinos de papel». Passávamos dias entretidos com isso. Criávamos reinos diferentes, épocas diferentes – ora íamos para o Império Romano, e todos desenhávamos bonecos com as características, o traje romano, ou então medieval, ou romântico, ou atual. Entretínhamo-nos assim. No fundo eram diálogos teatrais o que fazíamos, uma experiência teatral e, ao mesmo tempo, uma experiência histórica.

### Que profissões queria ter quando era mais novo; lembra-se de algumas?

Eu gostava de pintar, de desenhar, gostava muito de música... mas, realmente, a minha ideia era seguir Direito. O meu pai, embora estivesse numa posição em que deveria ser formado em Direito (era delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência), tinha estudado Engenharia na Alemanha. Engenharia não me interessava grande coisa, mas o Direito interessava-me, de certa maneira. Quanto a outras atividades artísticas, gostaria de ser pintor, maestro, gostaria de tocar... A minha teimosia não deixou. Minha mãe, minha avó, as minhas tias e, inclusivamente, a minha irmã mais velha, que tocavam piano (como era nessa altura o hábito das meninas tocarem piano e falarem francês), não me quiseram ensinar, porque diziam que quando me dissessem que era um Dó, eu teimaria que era um Ré ou um Mi. Fiquei sem aprender, pelo menos, piano, mas tocava cavaquinho (que é a coisa mais fácil que se pode imaginar em matéria de instrumentos) e andei em várias tunas regionais. Eu sou de Viana do Castelo, sou minhoto, meu pai dedicou-se muito ao estudo de temas regionalistas, era um etnólogo... Todos nós tivemos sempre uma atração pela arte regional, e eu participava nessas tunas, tocando cavaquinho.

### Quais eram os livros que gostava de ler quando era mais novo?

Sobretudo **Júlio Verne**.

### Que títulos dele? Lembra-se de alguns?

Eu suponho que tinha em minha casa toda a coleção de Júlio Verne, e li todo o Júlio Verne: *Dois Anos de Férias*, *A Ilha Misteriosa*, *Uma Cidade Flutuante*...

### Como era a primeira história que inventou, lembra-se?

Eu comecei por ser poeta, comecei por tentar a poesia. Depois, o teatro. Como autor de ficção apareci muito tarde, foi quando vim para Lisboa. Escrevi uma carta ao **Luís Forjaz Trigueiros**, que nessa altura dirigia o *Diário Popular*, que tinha uma secção chamada «Um conto por dia». Eu queria era fazer parte da redação, porque gostava de escrever, gostava de ser jornalista, mas ele nessa altura tinha preenchida toda a parte jornalística, e sugeriu-me que escrevesse contos para essa secção. Foi quando comecei a escrever contos.

.....

### Que idade tinha nessa altura?

Já tinha 20 anos. O meu primeiro interesse foi pela poesia e pelo teatro.

### Chegou a escrever alguma coisa quando ainda era criança, de poesia ou teatro?

Sim, com certeza. Quando era aluno do liceu, pelos meus 15 anos, comecei a escrever uma revista à portuguesa sobre a vida escolar e sobre a vida cidadina. Isso agradou aos meus professores e eles instigaram-me para que eu pudesse levar à cena essa revista, e foi um êxito! Eu tinha gosto não só para representar, mas sobretudo para dirigir atores; dirigi os meus colegas em tudo: na representação, no canto, na coreografia; fiz cenários, figurinos e representei também. Foi um êxito muito grande a apresentação desse espetáculo e teve de se repetir. No ano seguinte, tinha eu 16 ou 17 anos, continuei a escrever revistas para essas épocas: o 1º de dezembro, o 16 de maio (era o dia do **Gonçalo Velho** e o meu liceu chamava-se Liceu de Gonçalo Velho) – escrevia duas revistas por ano, ensaiava-as e dirigia-as. Minha mãe, por exemplo, fazia parte de uma comissão de socorro de inverno, que auxiliava a classe menos favorecida na altura do Natal. Ela promovia festas para angariar fundos para essa associação e pediu-me para escrever uma peça infantil; foi a minha primeira peça infantil, chamada *A Rosa Verde*. Está inédita, mas já foi representada duas vezes em Lisboa e outra vez em Setúbal (e eu não vi). Tenho sempre ideia de poder reescrever a peça, porque a ideia é engraçada, mas tenho abandonado isso na gaveta (tenho outras coisas que considero mais urgentes para fazer). Esse meu gosto pelo teatro para crianças nasceu dessa peça.

### Como é que surgem as ideias para escrever peças ou poemas?

Surgem, não sei como! Não posso garantir o porquê das coisas, de onde nasce exatamente a ideia; pode surgir de qualquer coisa: de um livro, de um espetáculo... Recordo quando, ainda muito novo, fui a um congresso de teatro amador em Haia, na Holanda, e vi peças extraordinárias. Peças para adultos, mas com toda a mímica, todo o conceito de espetáculo que há, por exemplo, na chamada *commedia dell'arte*, pela qual tenho uma paixão. Essa paixão refletiu-se no meu trabalho na companhia do Teatro Gerifalto, onde durante 18 anos fui empresário, dirigi e ensaiei para crianças – foi a primeira iniciativa de teatro para crianças em Portugal, uma companhia propositadamente criada para espetáculos infantis –, e criei atores que hoje são (ou já foram) grandes figuras de cartaz, como Rui Mendes, Morais e Castro, Francisco Nicholson, Mário Pereira, Fernanda Montemor, Lígia Teles, Catarina Avelar, Alina Vaz... toda essa gente passou pelas minhas mãos, começaram nesse teatro em adolescentes.

### Porque é que decidi escrever para crianças?

Acho que é um dom; nunca decidi nada, é um prazer. Ninguém pode decidir escrever para crianças se não tiver esse dom; eu reconheço que o tenho, que sou capaz de escrever para crianças e de me dirigir a elas, por exemplo, através do teatro, pondo um espetáculo de que sei que elas vão gostar.

### Quando escreve para elas, gosta mais de escrever sobre o quê?

Sobre várias coisas e, sobretudo, com muita fantasia, muita imaginação e um sentido moralista e de ensino. Procuro dar sempre uma lição, não imposta, velada, mas que chegue às crianças e eduque, ensine, faça com que elas aprendam alguma coisa – o Bem e o Mal, por exemplo. Nunca procurei escrever como

.....

certos autores (que se dizem autores de Literatura Infantil), com diminutivos, utilizando a linguagem infantil... O infantilismo nunca está nos meus trabalhos e não escondo o mal da vida, porque acho que elas têm que estar preparadas para se defender da parte má da vida e escolher a parte boa. Há sempre um diálogo, como em Gil Vicente, entre o Bem e o Mal.

### **Tem algum sítio onde gosta de escrever?**

Quando se trata de escrever poesia, ela aparece em qualquer parte. Quando podia (aos Domingos, por exemplo), e quando havia elétricos em Lisboa, metia-me num elétrico nos Restauradores até Carnide (era uma hora de viagem, talvez), encostava-me à janela e ia imaginando poesia e tomando nota em papéis (envelopes que houvesse no bolso, qualquer coisa...), e a poesia nascia assim. Precisava de uma certa disponibilidade para a poesia, mas quando essa disponibilidade aparecia, aparecia a poesia também. Hoje é a mesma coisa, ela aparece. Às vezes, com tanta coisa para fazer, até a afastava de mim, porque tinha outras coisas a fazer e a poesia tomava todo o meu espírito nesse momento e não podia fazer mais nada. O conto, por exemplo, escrevo, concebo aqui na secretária. Às vezes, à noite, deitado, antes de adormecer, começo a imaginar um episódio, um enredo, e de manhã venho e escrevo – escrevo com facilidade.

### **Porque é que acha que é importante gostar de ler?**

Sem ler não se aprende nada. Os grandes escritores são os nossos mestres e temos de saber escolhê-los. Nós não somos espontâneos, nascemos uns dos outros e, realmente, para mim, a leitura é fundamental para que se possa escrever e para que se possa falar até. No teatro e na Literatura Infantil, por exemplo, não procuro a linguagem infantil, a infantilidade, procuro dar-lhes palavras que eles podem não perceber, mas perguntam, interessam-se pelo seu significado e assim aprendem. Nós, os escritores, procuramos educar. 